Ano II Lisboa, 6 de Abril de 1927 N.º 69

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

Director literario: PAPIM

Director artistico: PAPUSSE

TIROLIRO-TIROLEZ

—POR GRACIETTE BRANCO—

Tiroliro-Tirolez,
vindo há pouco do Tirol,
saíu à rua, uma vez,
— Tiroliro-Tirolez —
de casaca e «cache-col»...

Tiroliro-Tirolez,
cheio de pose caminha...
Mas vendo o nosso maltez
— Tiroliro-Tirolez —
junta-se muita gentinha...

Tiroliro-Tirolez,
Vendo-se assim tão olhado,
julga-se um Rei, um Marquez,
— Tiroliro-Tirolez —
dalgum país encantado!...

Tiroliro-Tirolez,
caminha com presunção...
— Mas logo, «às duas por três»
— Tiroliro-Tirolez,
cai-lhe em cima a multidão!!

Tiroliro-Tirolez,
logo é morto e feito em postas!!
...E' que trazia — (o maltez!...)
— Tiroliro-Tirolez —
um letreiro assim nas costas:

— «Não temo balas nem tiros!
Valho mais que um português!
Sou o Rei dos Tiroliros,
Tiroliro-Tirolez!»

A ROCAZINHA DOIRADA

POR MARIA BRANCO

DESENHOS de EDUARDO MALTA

ERA uma vez uma pastorinha tão linda, tão linda, que as próprias flores a adoravam. Os alecrins e rosmaninhos trasbordavam em perfumes mal ela assomava no outeiro com o rebanho de brancas ovelhinhas.

Quando o sol baixava e que as estrelas apontavam no ceu em luzinhas trémulas, Matilde descia a encosta e as giestas e as estevas suspiravam com saudades.

Todo o dia ela fiava numa rocazinha doirada e por vezes, cantava tão doce e meigamente, que os coelhos deitavam o focinho fóra da toca endireitando as orelhas, e os pinhais, ao longe, calavam seu ramalhar dolente para a ouvir.

Mal entregava o rebanho no redil do patrão, abalava correndo para o miseravel casebre onde habitava com sua avó.

Desembaraçada, ia ligeira à fonte encher a sua enfusa e voltava cantando, a preparar a ceia.

Sua avó olhava-a enlevada e mais ainda emquanto Matilde lhe contava, sonhadoramente, certas historias de fadas e de príncipes.

Todavia, nunca a curiosidade mordiscara a velhinha para interrogar a neta, onde escutava ela tão lindas coisas.

Matilde era muito alegre e, quer fosse de inverno e a nortada rija arrepiasse as urzes, quer fosse de verão e o calor torrasse os tojos, era a sorrir que ela pedia a benção da avó, logo regressada a casa.

Porém, uma tarde de março, ventosa e agreste, a avó estranhou-a: seus olhos estavam vermelhos de chorar e na sua boquinha tremiam crispações de dôr. Não foi saltando, que saíu com a cantarinha de barro, nem palrando que debulhou as batatas para o caldo. Anciosamente preguntou-lhe a vélhinha,

—Dize-me, Matilde, dize-me o que tens?

A neta estremecera. Como havia ela de revelar o seu segredo?

Na lareira os gravêtos estalavam e contorciam entre as chamazitas fumarentas, que os lambiam.

O caldo zumbia já em fervura certa e lá fora a ventania abalava as árvores descompassadamente.

—Donde veiu esta roca doirada?—balbuciou a custo a linda pequenita.

—Achou-a teu pai na charneca que fica perto do mar, quando ali foi rocar umas silvas tão altas e tão bravas, que êle, nunca em sua vida, vira matagal assim. A roca vinha negra como êstes tições; nas tuas mãos é que ela tem mareado—respondeu a avó.

—Pois saiba, avòzinha, que esta roca tem condão consigo. Mal ela gira, é que as canções dos passarinhos se transformam em alegres conversas, e eu compreendo tudo quanto êles dizem. Foi com as aves que aprendi os lindos contos que repito, foram elas que me ensinaram a ser animada e a viver cantando. Queridas companheiras! Teem sido as minhas amigas, nas longas horas que permaneço na montanha. Sei onde se esconde o rouxinol, em qual pinheiro vive a cotovia e em que sobreiro se aninha uma numerosa família de pardais. Cada tronco de àrvore é uma cidade de passarada; vem a noite e os passaros aconchegam-se uns aos outros, coitadinhos! O norte sacode-lhes o abrigo, a chuva encharca-lhes as penas, mas, mal a manhã chega, ei-los cantando, ruidosamente. Os seus papitos mal chejos, uma azeitona, um grão e uma hervazinha é quanto lhes basta! Não os estorva de esvoaçarem, pipilando o santo dia.

—A avó apalpava assustada a cabeça da pastora. Santo Deus! Que delírio de febre!

Correu à arca a rebuscar um embrulho amarelecido. Continha drogas. Iria arranjar-lhe um calmante.

Matilde sorriu-se e acalmou o sobresàlto da avó com um grande abraço.

—Não avòzinha, não estou fóra de mim. Tudo quanto lhe narrei é verdade pura. Hoje apareceu no monte uma gralha enorme. Voava de longe e contou à passarada do outeirinho, que numa cidade muito bela e rica, a filha do rei estava morrendo aos poucos. Fôra encantada por qualquer génio mau e só teria melhoras se uma pastora achasse a rolazinha encantada que devia estar escondida, entre as fendas de certo forno de cal.

Contristada com a sorte da princezinha, corri ao Cortelho e procurei. Efectivamente lá estava uma rôla brava, qeu se deixou agarrar e prender dentro do meu avental. Contudo a tristeza apoderou-se de mim e chorei longamente.

Como teria eu coragem de transformar a avòzinha na

gaiola azul, onde a pombinha seria conduzida até junto da princesa?

Para isso teria que fazer-lhe beber esta mistura de orquídeas silvestres, cãesinhos e margaridas.

Tenho tanta pena da princezinha. Não suporto a idéa que ela expire, quando eu não ignoro a forma de a salvar.

Matilde soluçava baixinho e as lágrimas caíam no chão de lagedo, transformadas em pétalas.

A avó não sabia que responder. Tudo aquilo a encherá de pasmo.

Rapidamente, enguliu dum só trago o conteúdo do púcaro de lata. Repentinamente uma gaiola azul apareceu. Elegante e linda, não faria vergonha às que nos castelos régios guardam ciosamente as aves raras.

Matilde colocou a rolinha no poleiro de prata, pegou na sua rocazinha doirada, e, apesar da noite e do temporal ca-

minhou em direcção ao mar. Quando chegou era dia claro. Abeirou-se dum barqueiro, pedindo-lhe para a passar à outra banda. O homem nem respondeu. Aflita, girou a roca, e o «curucucu» da rolinha foi traduzido:

—Vai ao areal próximo, escolhe as pedrinhas verdes que ali deparares. Lança-as ao mar, uma a uma, até que tenhas contado doze.

Matilde obedeceu. Um bando enorme de gaivotas baixou à praia. Traziam nos bicos duas rêdes de pesca. Matilde sentou-se em uma delas, na outra depositou a gaiola e a roca.

Levantaram vôo as belas aves do mar, e subiram alto, muito alto. Atravessaram montes, percorreram aldeias e a pastorinha, encolhida e apavorada, rezava, rezava.

Finalmente, chegaram a uma cidade, onde baixaram no pátio do palácio real.

Os guardas foram a correr buscar o chanceler. Aquela linda criança trazida por gaivotas, tinha tanto de mágico!

Quando o magistrado-mór se acercou da pastora, esta confessou-lhe tudo e êle pedindo-lhe a gaiola azul, ordenou aos guardas que arrastassem Matilde às prisões subterrâneas.

Entretanto, o chanceler aproximava-se dos reis, exclamando orgulhosamente ter descoberto a cura da princesa.

Era necessário matar a rolinha e com ela preparar o caldo milagroso.

Veio à pressa o copeiro. Porém mal ia a agarrar a avezinha ela se lhe escapou das mãos, perdendo-se de vista.

Então a gaiola pulou mágicamente e a avó de Matilde reapareceu em carne e osso, ao mesmo tempo que o Chanceler rolava pelo tapete que cobria o pavimento.

Na prisão a pastorinha pensava como os homens eram maus. Ela que só viera na intenção de bemfazer, encerrada nesta masmorra fétida e sombria. Súbitamente lembrou-se da roca e para se entreter fê-la rodar ainda.

Na fresta da enxovia, certa rolinha cantava. Por ela a pastorinha veio ao conhecimento do que acontecera no Palácio.

— «Salva-me rolinha para que a Princesa viva!»

Cem ratos formigaram por todos os cantos, dirigindo-se a um buraco da parede. Com que exaustiva tarefa minavam e cavavam o muro da prisão! Suas patinhas mais lembravam poderosos camartelos em acção.

Em poucas horas Matilde podia fugir.

Alcançando os fossos, a rolinha poisou-lhe no ombro e a pastorinha ajoelhou para orar.

Os físicos da côrte fizeram recuperar a vida ao Chanceler que, mal pôde falar, declarou a sua pérfida acção. O Rei perdoou-lhe bondosamente e correu com a Rainha em busca de Matilde.

Ao destrancar a porta de ferro o carcereiro estarreceu boquiaberto. Um aroma inebriante perfumava a masmorra e o muro pelo qual Matilde se evadira era um canteiro de bizarras flores, coloridas, estranhas, nunca vistas.

Os Reis atravessaram o túnel florido e ao acercarem-se das barbacãs, avistaram a pastorinha dormindo plácidamente...

A Rainha abeirou-se da linda donzelinha e murmurou-lhe suavemente:

—Desperta, belo arcanjo, e vem dar vida à minha vida.

Ao acordar Matilde, a rolinha tombara morta.

A própria Rainha preparou o caldo, e, ao bebê-lo, a Princesa falou, andou e riu.

Doidos de alegria os Reis abençoaram a pastorinha, implorando-lhe que ficasse no palácio. Avó e neta acederam. Tudo tão rico, tão tentador! Quem contemplasse agora Matilde não a distinguiria das princesinhas nascidas em altivos palácios. Vestia sedas, possuia todos os brinquedos... mas não era feliz. O condão da sua roca acabara com a opulência. Eram-lhe indecifraveis os gorgeios dos passarinhos.

As riquezas começaram a pesar-lhe, e avó e neta tiveram saudades sem fim da sua vida de liberdade e de pobrezinhas.

Foi com a alma a cantar que renunciaram aos confortos e abalaram apressadamente para a aldeia.

Freqüentemente luzida cavalgada visita Matilde. Acorrem da aldeia os pequenitos que são contemplados com roupas e brinquedos.

A pastorinha adora a sua roca e nada mais deseja... é que mal chegara à charneca, ela girou-lhe nas mãos e toda a passarada mudou o canto em belas e suaves palestras.

Continua Matilde guardando as brancas ovelhinhas, tão simples e modesta como se o que lhe tivesse acontecido não fosse mais do que outro lindo conto aprendido a sorrir, com algum melro cantador.

FIM

A BONECA VIVA

POR JOAO DA SELVA

Desenhos de EDUARDO MALTA

QUANDO a Isabelinha acabava o seu almoço ao meio dia, a mãe deixava-a sempre ir brincar um bocadinho no jardim, antes de começar as suas lições com a mademoiselle.

A pequena pegava na boneca e divertia-se sòzinha o melhor que podia, mas, não tendo àquela hora visitas das suas primas ou das suas amigas, o recreio para ela não era lá muito divertido.

Era alegríssima e expansiva, e não se achava bem senão em numerosa e barulhenta companhia.

Mesmo a boneca lhe parecia estúpida e sensaborona, sem uma côrte de outras bonecas a rodeá-la.

Só assim lhe apreciava os encantos que eram grandes, porque a Isabelinha sendo, por fortuna sua, filha única de pais muito ricos, podia apetecer os melhores e mais custosos brinquedos.

Nos dias em que se via só, a pequena não dava apreço quási nenhum à sua grande e linda boneca.

A sua única distracção era vestir-lhe várias vezes por dia os vestidos do seu guarda-roupa, quási tão variados como os seus próprios.

Ora um dia, mais do que de costume, aborrecida com a sua solidão, sentou-se à porta de grades do jardim e viu uma pequenita pobre, pouco mais velha do que ela, com uma criança muito novinha ao colo.

E Isabelinha pensou: «O' que coisa tão divertida! Andar assim à vontade, sòzinha, pela rua e ter um menino vivo para brincar, em vez duma estúpida boneca! Vou ver se a pequena quer trocar comigo. E, imediatamente, gritou:

— O' pequena, anda cá, que te quero dizer uma coisa!

A pequenita pobre parou na rua, mas hesitou antes de se aproximar. A Isabelinha sorria-lhe, contudo muito amavelmente e a criança decidiu-se a obedecer-lhe.

— Olha, pequena, — disse-lhe Isabel sem mais preâmbulos,—tu queres trocar êsse menino pela minha boneca?

A pobrezinha que tinha uma cara muito grave, triste até, riu-se com tanta vontade que se tornou bonita, o que mais encantou a Isabelinha, que detestava coisas feias; mas ofendeu-a o riso.

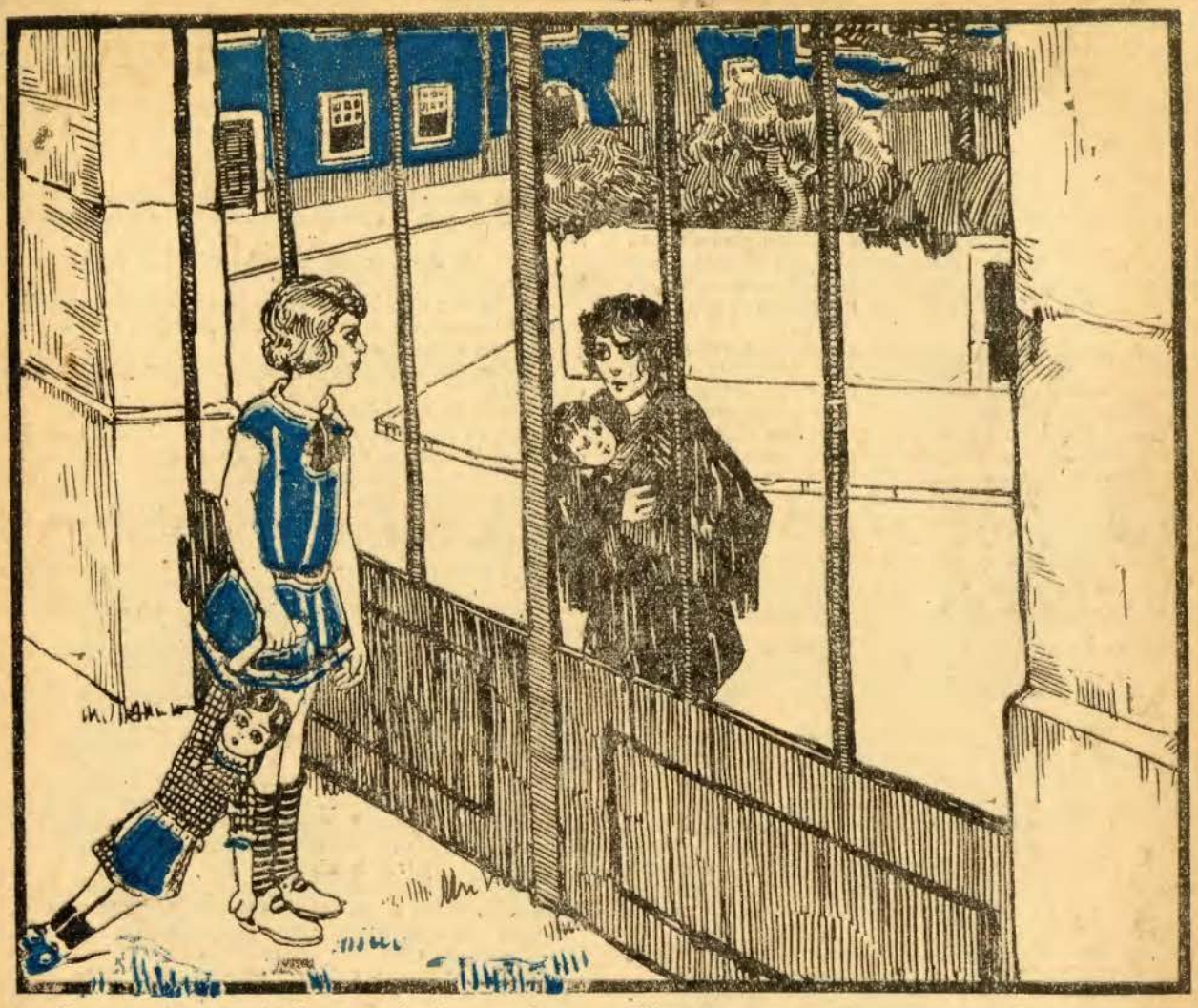
— Porque é que tu te ris? preguntou a pequena rica. O que eu disse não tem nada que faça rir. Eu estou farta desta boneca, tu pareces cansada por levares o menino ao colo. Trocamos, sim? Olha que a boneca é grande, mas muito leve e tu estás a deitar-lhe uns olhos, que decerto a achas linda!

— E é linda, sim, menina, disse a pobre. Já mais duma vez aqui tenho passado e olho sempre para ela. Cada dia tem um vestido diferente e cada um mais bonito do que os outros!

— Tem dúzias e dúzias de vestidos, exagerou a rica tentadoramente, e eu dou-tos todos com a boneca pelo teu menino. Anda, dá-mo cá!

Mas a estas palavras a pobrezinha recuou assustada e disse a medo:

— O' minha menina, êste pequeno é meu irmão. Então havia de trocá-lo por uma boneca?



— Trocavas, sim, e depois? Eu não tenho irmão nenhum e tu não tens boneca: ficavamos ambas bem!

Nêste momento o pequeno começou a chorar e a irmã teve de o embalar nos braços e dirigir-lhe palavras carinhosas.

— O' que divertido! exclamou a Isabelinha. Dá-mo cá para eu o embalar!

— Não, menina, que êle quando começa aos berros, só a mãe sabe fazê-lo estar calado. Vou-me embora que é tarde.

— Mas assim a berrar é que eu o achava mais divertido, insistiu a Isabelinha. Já tive uma boneca que chorava, mas era preciso carregar-lhe numa mola; não tinha graça nenhuma!

A pequenita pobre olhava, de boca aberta, para a menina rica e pasmava do que lhe ouvia dizer. Achar divertido aturar uma criança chorôna! Sempre havia gostos nêste mundo! Quanto daria ela para estar ali muito bem sentada naquele belo jardim, brincando com aquela linda boneca, em vez de levar nos braços aquela criança tão pesada, voltar com ela para casa e cozinhar a ceia emquanto a mãe não viesse da fábrica!

Como se conservasse calada emquanto fazia todas estas reflexões, a Isabelinha supôs que a pequena estivesse quási resolvida a fazer a troca que lhe propuzera, e estendia-lhe já, tentadoramente, o boneca

Os olhos da pobrezinha arregalavam-se para o lindo brinquedo, mas, como que fugindo à tentação, apertava mais nos bracinhos magros a criança, afastando-se do gradeado. Apressadamente, atrapalhadamente, murmurou:

— Adeus, minha menina, vou-me embora, que é tarde! — e desatou quási a correr pela rua fora até se sumir ao longe, com o pequenito sempre aos berros.

— Ora que palerma de pequena! disse consigo a Isabelinha desapontada. Vai cansadíssima com aquele trambolho ao colo; está morta pela boneca, que eu bem vi os olhos que ela lhe deitava, e não se resolve a fazer a troca!

Nisto apareceu a professora francêsa. Eram as horas das lições. A Isabelinha esteve quási para contar à «mademoiselle» o que tinha acontecido; mas para quê? A «mademoiselle» achava sempre as idéas dela tolas e extravagantes! Era certíssimo que soltaria a exclamação do costume, que já lhe atacava os nervos por tantas vezes repetida: «Oh! la petite fole!». Não, era melhor calar-se, visto que à sua mãezinha nada podia dizer hoje por ela ter ido passar o dia ao Estoril na companhia do pai, de visita a uma velha prima doente. A' sua mãezinha é que desejaria contar tudo. Talvez ela, com o seu modo bonito, convencesse a pobrezinha a trocar o menino pela boneca. Ela, Isabel, não soubera dizer bem as coisas. Era uma estouvada, bem o reconhecia!

Ao jantar esteve nêsse dia muito pensativa, caso que bastante admirou a «mademoiselle», acostumada a uma incessante tagarelice que, por várias vezes, tinha de reprimir.

A Isabelinha estava anciosa por ver chegar o dia seguinte, espreitar a pequena pobre à hora em que ela costumava passar e mostrar-lhe a boneca vestida com o seu mais lindo vestido, a ver se assim conseguia a desejada troca. Tanto pensava nisto que se esquecia de falar. Por fim a «mademoiselle», intrigada, preguntou-lhe a razão de tão desusado silêncio. A Isabelinha respondeu com uma pregunta um pouco atrevida:

— Não costuma a «mademoiselle» dizer que quem muito fala, pouco acerta?

— Achata! acrescentou malcriadamente consigo mesma, ao notar a cara bem apanhada da professora.

E' preciso reconhecer que esta Isabelinha era garôta e muitas vezes pouco delicada para as pessôas grandes, defeito feíssimo nas crianças.

O pai desculpava-a dizendo que ela viera errada e devia ser um rapaz; a mãe desculpava-a, atribuindo ao mimo do pai as garotices da filha; apenas a «mademoiselle» não sentia a mínima indulgência, embora descobrisse por vezes na

discípula bons sentimentos e quási sempre louvaveis intenções. Pronunciava a todo o propósito aquela frase irritante: — «Oh, la petite fole»! Outras vezes chamava-lhe «petite sotte», o que mil vezes mais estandalizava a Isabelinha.

Quando a mãezinha veio do Estóril, já de noite, e lá foi à cama beijá-la, Isabel esteve quási a contar-lhe o que se tinha passado com a pòbrezinha. Estava quási certa de que sua mãe não acharia disparate nenhum aquela troca da boneca por um menino vivo e engraçado. Já por vezes lhe ouvira dizer, assim como ao pai, quanto desejariam mandar vir um rapazinho, para não ser o mimo todo para ela. Ora assim, ficavam todos contentes. Mas quem sabe se a mãe aprovaria? Nada, era melhor calar-se muito caladinha e arranjar a troca. Depois de lá estar o pequeno já não havia remédio senão aceitá-lo.

Assim que se levantou, na manhã do dia seguinte, e fê-lo prontamente sem ser preciso a criada arrancá-la quási à força da cama, como sucedia muitas vezes, a Isabelinha foi estudar as suas lições com um zêlo que encheu de espanto a professora. Em seguida passou uma cuidadosa revista ao guarda-roupa da sua boneca. Que vestido lhe poria para tentar a pequena pobre a dar-lhe em troca o irmãozinho? Qual das suas luxuosas «toilettes» lhe ficaria melhor ao parecer, pois resolvida a dar-lhas todas estava ela, e já o tinha prometido.

Experimentou, sucessivamente, setim côr de rosa; veludo azul escuro guarnecido de peles, rendas brancas e grande cauda, etc., cada um dêstes vestidos com chapeu ou toucado igualmente «chic» a condizer.

Por fim decidiu-se por «crèpe-de-Chine» azul pálido, todo bordado a contas de vidro. A pequena ia ficar deslumbrada com aquele vestido e dava-lhe com certeza em troca o irmãozinho.

Assim que almoçou, e portou-se à mesa com tanto juizo que seus pais ficaram encantados, a Isabelinha correu para o jardim, levando a boneca num braço e no outro uma grande caixa de cartão com o guarda-roupa.

Pôs-se à espreita junto ao portão de ferro e não tardou um quarto de hora que não visse a pequena pobre caminhando a custo com o irmãozito ao colo. Trazia o mesmo vestidinho rôto da véspera e as pontas dum chale muito velho ajudavam-na a amparar aquele fardo pesado demais para as suas forças.

Assim que viu a menina rica, a pòbrezinha apressou o passo e ficou em frente do portão, encavacada e receosa.

— Bons dias! disse a Isabelinha alegremente e com desembaraço. Então vens hoje decidida a trocar o menino pela minha boneca? Olha que linda! — acrescentou, mostrando-lhe o brinquedo todo reluzente de contas.

A pequena ficou pasmada a contemplar a linda boneca, mas negou, muito a medo, que estivesse resolvida à troca.

— Não, minha menina, murmurou ela. Não posso fazer tal! Era lá coisa que eu fizesse!

— E se eu te desse duas ou três bonecas? insistiu a menina rica. Daqui a pouco faço anos, vão dar-me muitas, todas lindas! Que pena as que eu tenho quebrado! Mas eu sou tão má! Bem o diz a minha mestra!

— Não, não, menina — teimou a pòbrezinha — nem por uma boneca, nem por um cento, eu trocava o meu irmãozinho!

— Mas êle dá-te muito trabalho, não dá? preguntou a tentadora.

— Ai lá isso dá! Tenho que o levar duas vezes por dia à fábrica onde a mãe trabalha, adormecê-lo e calá-lo emquanto faço o jantar e a ceia...

— E quantos anos tens tu? interrompeu a pequena rica espantada.

— Tenho nove, minha menina.

— Pois eu vou fazer oito por estes dias, só menos um do que tu e já estou mais crescida e mais gorda, mas era lá capaz de fazer isso que tu fazes! Só sei fazer asneiras. Mas olha que tratava bem o teu menino se quizesses trocá-lo! apressou-se a acrescentar a pequena, na esperança de poder ainda realizar a troca.

— Não pode ser, minha menina, repetiu a pobre. E agora tenho de ir, que está a minha mãe à espera, — e ao dizer isto deitava um olhar de despedida e de tanta admiração à boneca, que a pequena rica preguntou-lhe:

— Queres pegar-lhe um bocadinho e deixas-me pegar no menino? Ele cabe muito bem pelas grades do portão.

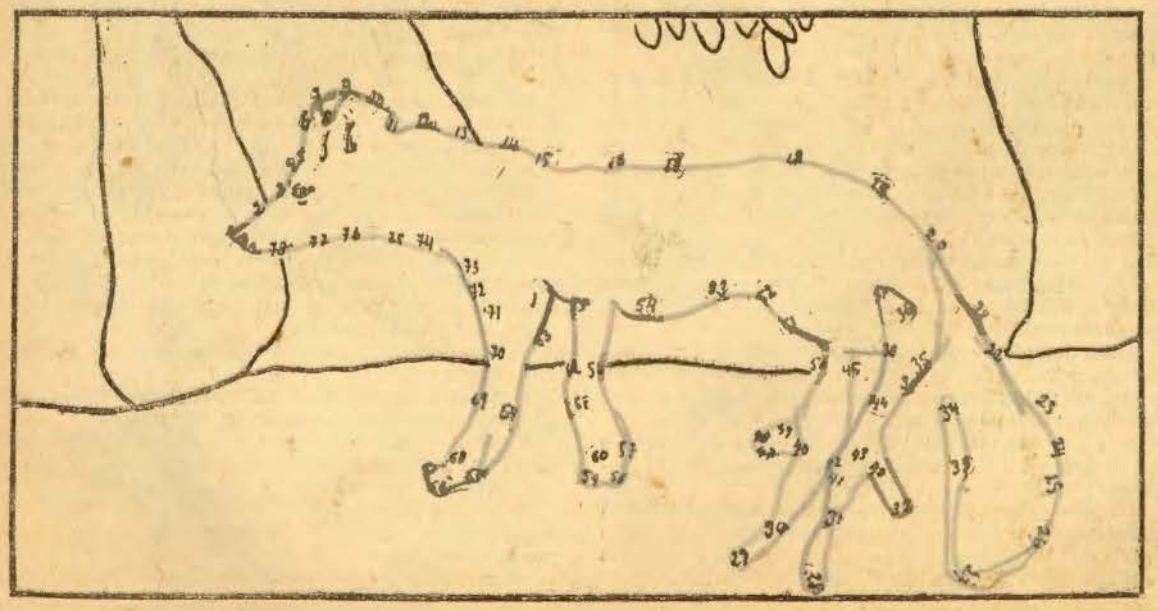
A pòbrezinha hesitou um momento entre a tentação de pegar naquela maravilhosa boneca e o receio de entregar o irmão a quem não soubesse segurá-lo com cuidado. As meninas ricas, tinha ela notado muitas vezes, não sabem pegar bem nas crianças porque só trazem bonecas ao colo. Além disto, o petiz dormia, para grande descanso da irmã; uma mudança dos seus braços para outros, qualquer tombo desastrado que aquela menina lhe desse, e êle aí começava a pernear e a gritar pela mãe.

Ficou por isso calada e hesitante. A Isabelinha, habituada como estava a que lhe fizessem as vontadinhas todas, irritou-se com aquelas delongas e preguntou-lhe arrebitada:

— Pensas que eu vou deixar cair o teu menino? Olha que eu já peguei uma vez num priminho que tenho muito pequenino e não lhe aconteceu perigo. Ele berrou muito, lá isso é verdade, mas não sei porquê... eu não lhe fiz mal nenhum!

(Continua no próximo número)

LIÇÃO DE DESENHO

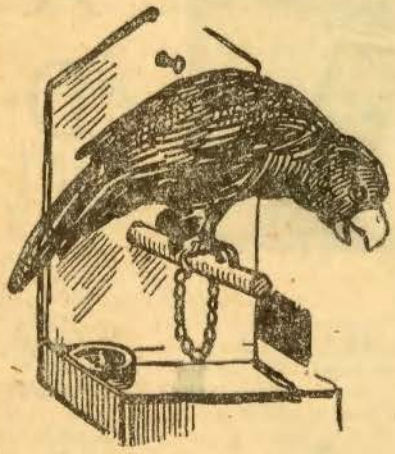


O Cão, o Gato e o Papagaio

(PARA MENINOS MUITO PEQUENINOS)

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA



ERA uma vez um gato maltez que não tocava piano nem falava francês e só dizia «miau!...»

Era uma vez um cão, que só dizia «ão, ão, ão!»

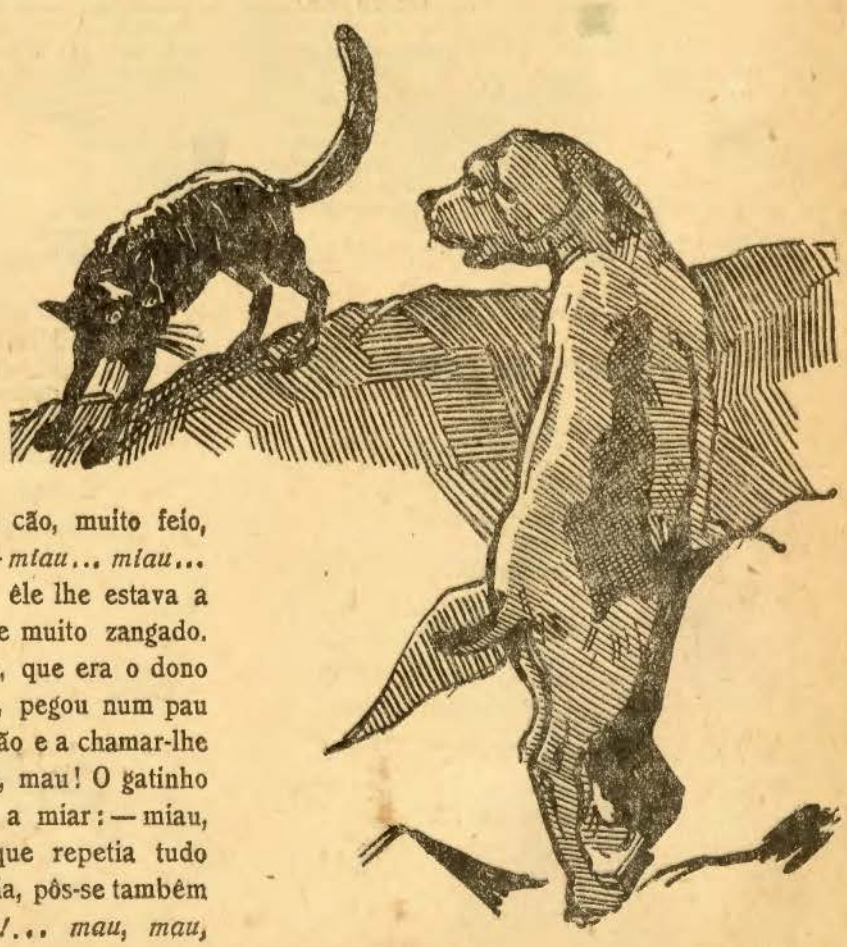
E era uma vez um papagaio que repetia tudo quanto ouvia sem saber que dizia.

O gatinho maltez, que era muito bonito, assim que via o cão, muito feio, punha-se logo a fugir e a miar: — *miau... miau... miau!...* O cão, julgando que êle lhe estava a chamar mau, avançou para êle muito zangado. Nisto um menino muito bonito, que era o dono do gatinho e gostava muito dêle, pegou num pau e... zás! começou a bater no cão e a chamar-lhe mau muitas vezes: — mau, mau, mau! O gatinho ao colo do menino continuava a miar: — miau, miau, miau!... O papagaio que repetia tudo quanto ouvia sem saber que dizia, pôs-se também a palrar: — *miau, miau, miau!... mau, mau, mau!...*

E o cão cada vez se enfurecia mais. E agora ora arremetia contra o gato, ora arremetia contra o papagaio.

E aqui está como às vezes por um simples mal entendido, por não se compreenderem, as pessoas pouco espertas se zangam tanto e se fazem feias.

FIM



BÉBÉ À TABOADA

Por GRACIETTE BRANCO

Desenho de EDUARDO MALTA

— Vá:
Um e um?

— Três.

— ¿¡Três?! — O' Tátá!

— ¿Dois?

— Pois.
Vamos lá...
Se tiveres atenção
Eu levo-te ao teatro.
Vá:
Dois e dois?

— Seis.

— Não!
Dois e dois
quatro. —
¿Três e três?

— Dez.

— ¡Dez!!!
que tola que tu és!
¡O' Tátá! O' Tátá!
Já sabe isto de cor
O teu priminho Reis!
...Não contes pelos dedos...
vá: três e três, seis.
Deixa os pèzinhos quedos!
não te estejas a rir!
não te sujes, Tátá!...
E vamos repetir
a ver se sabes pois.
Vá:
Um e um?

— Dois.

— Bem.
E dois e dois?

— São quatro.

— Bem!.Bem! Muito bem!
Já sabes, outra vez,
como o priminho Reis!
E três e três, Tátá?

— ....

Ah!...
Três e três
Seis.